



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**  
<http://www.cecs.uminho.pt>

---

**Dominação e exclusão: representações sociais  
sobre minorias raciais e étnicas\***

---

**Rosa Cabecinhas**  
Professora Auxiliar

[cabecinhas@ics.uminho.pt](mailto:cabecinhas@ics.uminho.pt)

**Lígia Amâncio**

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da  
Empresa  
(ISCTE)

Universidade do Minho  
*Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*  
Campus de Gualtar  
4710-057 Braga  
Portugal

---

\*CABECINHAS, R. & AMÂNCIO, L. (2004) *Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas*. Actas do V Congresso Português de Sociologia: *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Universidade do Minho, Braga, 12-15 de Maio de 2004

**Título:**

Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas.<sup>2</sup>

**Resumo:**

Nesta comunicação apresentamos dois estudos em que investigámos as representações sociais acerca de grupos minoritários. No primeiro, analisámos as noções de ‘raça’ e de ‘grupo étnico’ dos jovens portugueses e averiguámos quais os ‘grupos étnicos’ mais significativos. No segundo, investigámos o conteúdo e o consenso dos auto- e hetero-estereótipos de jovens portugueses e angolanos.

Os resultados do primeiro estudo demonstraram que a maior parte dos jovens não problematiza as noções de ‘raça’ e de ‘grupo étnico’, considerando-as como conceitos objectivos explicativos das assimetrias sociais. Os ‘grupos étnicos’ são vistos como possuindo características intrínsecas, imutáveis e muito marcadas, que os distinguem da maioria ou da cultura dominante. Da análise das respostas ressalta ainda a centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais.

No segundo estudo, constatámos que os portugueses evitam caracterizar os angolanos com traços muito negativos e, em alguns casos, caracterizam-nos com traços mais positivos do que aqueles que atribuem ao seu próprio grupo. No entanto, as dimensões mais valorizadas nas sociedades ocidentais (autonomia, individualidade, competência, responsabilidade) continuam a ser negadas ao grupo dominado. A representação do grupo dominado continua com uma forte ligação à ‘natureza’, enquanto que o grupo dominante surge como aparentemente liberto desta.

**Abstract:**

On this paper we present two studies concerning social representations of minority groups. On the first, we analyzed the notions of ‘race’ and ‘ethnic group’ amongst young Portuguese. Additionally, we examined which were considered by them the most significant ‘ethnic groups’. On the second, we investigated the content and variability of the stereotypes held by young Portuguese and young Angolans about their ingroup and outgroup.

The results of the first study showed that the majority of the youngsters had never questioned either of the notions (‘race’/‘ethnic group’), considering both as objective concepts that explain social asymmetries. ‘Ethnic groups’ are seen as having inherent and immutable characteristics, which distinguish them from the dominant culture. The cultural characteristics are considered to be inseparable from physical characteristics, and social categorization is based on skin colour.

On the second study, results show that Portuguese avoid to ascribe negative traits to Angolans, and that sometimes they describe the outgroup more positively than the ingroup. However, the traits concerning autonomy, competence and responsibility, which are the most positively valued on western societies, are denied to the dominated group. The representation of this group is still linked to ‘nature’.

---

<sup>2</sup> Esta investigação foi facilitada pela atribuição de uma bolsa pela Fundação Calouste Gulbenkian.

## Introdução

O racismo pode ser analisado no âmbito do processo mais geral de construção da identidade social, que se define a partir da clivagem entre as representações do grupo de pertença e as representações de outro(s) grupo(s) considerado(s) relevante(s). Sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial o conceito de ‘raça’, baseado em diferenças genotípicas, foi progressivamente sendo substituído pelo conceito de ‘grupo étnico’, assente em diferenças culturais e comportamentais.

Considerando as doutrinas racistas totalmente destituídas de base científica, a UNESCO (1960/1973: 379) recomendou o abandono da palavra ‘raça’ no meio científico e o uso de designações menos discriminatórias. Desde então, o termo ‘grupo étnico’ tem sido empregue para referir situações de grupos sociais minoritários, que são percebidos e classificados em função da sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante.

As mais recentes investigações ligadas à descodificação e à sequenciação do Genoma Humano vieram dar razão aos vários relatórios elaborados no âmbito da UNESCO, pois não foi possível identificar nenhum gene ou conjunto de genes ligados às supostas ‘raças’ humanas, pelo que a ‘raça’ enquanto conceito aplicado para classificar os seres humanos está desacreditado, à luz do conhecimento científico actual.

Na opinião de diversos autores, o pensamento do senso comum terá acompanhado a deslocação das ‘raças’ para os ‘grupos étnicos’, sendo as ‘práticas culturais’ destes grupos percebidas como rígidas e imutáveis, e até mesmo geneticamente herdadas (Tonkin, McDonald e Chapman, 1989).

Como salienta Guillaumin (1992), apenas os ‘grupos minoritários’, isto é, destituídos de poder ou estatuto, são objecto deste processo de naturalização. Assim, o deslocamento da percepção das diferenças entre os grupos humanos do pólo das características físicas ou raciais para o pólo das características comportamentais e culturais permanece um processo de naturalização da diferença. Este compreende um processo de racialização seguido de um processo de etnicização (Vala, Lopes, Brito, 1999), que se verifica em relação aos grupos minoritários mas não em relação aos dominantes.

O facto da hierarquização racial ter sido banida do discurso público não exclui comportamentos e percepções racistas. Atentas às novas normas sociais, as pessoas têm o cuidado de velar os seus discursos discriminatórios. Como o argumento da desigualdade e da hierarquização racial é actualmente contra-normativo, enfatizam-se as diferenças culturais.

Se hoje em dia poucos ousam defender abertamente uma hierarquia racial, em contrapartida a ideia de ‘raça’, no sentido de uma população natural definida por caracteres hereditários comuns, persiste e continua a servir de suporte a ideologias racistas. Assim, por um lado, invoca-se a defesa da especificidade cultural dos grupos racializados e, por outro lado, clama-se o direito à identidade própria, que essas culturas ‘outras’ são supostas ameaçar. Desta forma, o elogio “da diferença pode caucionar e camuflar uma vontade de exclusão” (Cunha, 2000: 196).

A ideia de ‘raça’ continua a estruturar a percepção que se tem dos outros e a operar o discurso de exclusão, ainda que mais ou menos camuflada pela referência à identidade cultural, remetendo-a constantemente para o terreno da natureza. Deste modo, apesar da palavra ‘raça’ ter sido banida do discurso científico e político é legítimo continuar a falar de ‘racismo’ (Cunha, 2000; Taguieff, 1997).

A difusão de conhecimentos científicos e o apoio institucional à não racialização dos grupos humanos tem vindo a traduzir-se na construção de novas representações sociais (Moscovici, 1984) sobre as diferenças entre povos, caracterizadas por uma maior rejeição do discurso racista tradicional, que estabelece a diferenciação a partir de características

‘naturais’, e pela adopção de um discurso que opera novas diferenciações a partir dos conceitos de cultura e etnia (Vala *et al.*, 1999).

Nesta comunicação apresentamos dois estudos em que investigámos as representações sociais acerca de grupos minoritários. No primeiro, analisámos as noções de ‘raça’ e de ‘grupo étnico’ dos jovens portugueses e averiguámos quais os ‘grupos étnicos’ mais significativos. No segundo, investigámos o conteúdo, a valência e o consenso dos auto- e hetero-estereótipos de jovens portugueses e angolanos. Seguidamente, iremos descrever resumidamente os procedimentos de recolha e análise de dados, os resultados e as conclusões de cada um dos estudos.

### **Estudo 1: Representações sobre minorias raciais e étnicas**

O primeiro estudo teve os seguintes objectivos: investigar as noções de *raça* e de *grupo étnico* dos jovens portugueses; averiguar quais são os grupos *raciais* e *étnicos* mais significativos para estes jovens; e analisar as suas auto-categorizações *raciais* e *étnicas*.

Participaram neste estudo 56 estudantes (31 raparigas e 25 rapazes), com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos (idade média = 19 anos), todos de nacionalidade e naturalidade portuguesa.

Este estudo foi realizado em duas turmas do primeiro ano do ensino superior, cada uma delas correspondendo a uma condição de recolha de dados: na condição 1 todas as questões eram relativas a *grupos étnicos* enquanto que na condição 2 as mesmas questões eram referentes a *raças*. Foi distribuída uma folha em branco aos participantes e apresentadas oralmente três questões, uma a uma, na seguinte ordem: 1) “O que é um *grupo étnico/raça*?”; 2) “Quais os *grupos étnicos/raças* existentes em Portugal?”; 3) “Pertence a algum dos *grupos étnicos/raças* por si referidos na questão anterior?”. No final, eram solicitados os elementos de caracterização (sexo, idade, nacionalidade e naturalidade).

O procedimento de análise de dados foi o seguinte: 1) foi efectuada uma contabilização dos conteúdos fornecidos pelos participantes em função da condição de resposta. As respostas dos participantes à primeira questão foram analisadas a partir dos grandes eixos organizadores da ideia de *raça*; 2) procedeu-se à contabilização dos grupos mencionados pelos participantes em cada uma das condições de resposta e efectuou-se posteriormente um agrupamento dos grupos em função dos critérios subjacentes às designações fornecidas (cor da pele, nacionalidade, religião, etc.); 3) Foram contabilizadas as auto-categorizações dos participantes e efectuado um teste de Qui-quadrado para averiguar se estas variavam significativamente em função da condição de resposta.

Este estudo foi realizado junto de estudantes portugueses no *Ano Europeu Contra o Racismo* - ano em que o apoio político-institucional à não racialização dos grupos humanos foi particularmente divulgado nos meios de comunicação social. Assim, por um lado, esperávamos encontrar reacções de surpresa ou mesmo de contestação da parte dos estudantes face às nossas questões sobre as ‘raças’ em Portugal. Por outro, esperávamos que as características atribuídas às ‘raças’ e aos ‘grupos étnicos’ apontassem para uma *essencialização* das minorias, isto é, para uma conceptualização destas categorias como distintas, inalteráveis e com grande potencial indutivo (Allport, 1954/1979; Rothbart e Taylor, 1982).

A Tabela 1 apresenta os itens mais referidos pelos participantes nas suas definições de *grupo étnico* e de *raça*, utilizando as suas próprias palavras. Para cada condição de resposta são apresentadas as designações referidas pelos participantes por ordem decrescente de frequência. Foram retidas as designações com frequência igual ou superior a dois.

Relativamente ao *grupo étnico*, os três conteúdos mais frequentes dizem respeito à ‘cultura’ (46.4%), aos ‘costumes’ (25.0%) e à ‘religião’ (21.4%). Outras características

ligadas à socialização e à cultura são mencionadas frequentemente ('valores', 'crenças', 'hábitos', 'características sociais', 'identidade' e 'rituais'). As 'características físicas' aparecem em quarto lugar (17.9%) e a 'cor da pele' em décimo primeiro (7.1%).

Ainda em lugar de destaque aparecem conteúdos ligados às relações de conflito ou submissão face à cultura dominante: 'diferentes da maioria' (17.9%) e 'diferentes dos outros grupos' (7.1%). Também expressivo é o facto de o *grupo étnico* ser visto como migrante, isto é, deslocado do seu local, região, ou país de origem: 'vivem num país que não é seu' (17.9%), 'oriundos dum local ou região diferente' (7.1%), 'oriundos dum meio diferente' (7.1%).

Quanto à *raça*, o conteúdo mais frequentemente referido foi a 'cor da pele' (42.9%), seguido da 'cultura' (25.0%) e das 'características físicas' (21.4%). As 'características genéticas' e a 'constituição física' surgem em décimo lugar (7.1%), sendo apresentadas exclusivamente para definir a 'raça'. De salientar que diversos aspectos ligados à socialização e à cultura são mencionados frequentemente para caracterizar 'raça' ('hábitos', 'costumes', 'crenças', 'tradições', 'história', 'ideologias', 'maneira de agir', 'maneira de pensar' e 'vivências').

A comparação das frequências relativas dos itens mais associados ao 'grupo étnico' e à 'raça' torna clara a equivalência destas noções para os participantes<sup>3</sup>. Constata-se uma forte associação entre as características *biológicas* e as características *culturais*, sendo que a preponderância relativa destas características varia em função da condição.

**Tabela 1 - Frequências relativas (%) das características associadas a 'grupo étnico' ou a 'raça'**

	Grupo étnico	Raça	Total
<b>Características culturais</b>	<b>89.3</b>	<b>64.3</b>	<b>76.8</b>
<i>cultura</i>	46.4	25	35.7
<i>religião</i>	21.4	10.7	33.9
<i>costumes</i>	25.0	14.3	19.6
<i>hábitos</i>	10.7	17.9	14.3
<i>valores</i>	17.9	3.6	10.7
<i>crenças</i>	10.7	10.7	10.7
<i>história</i>	3.6	10.7	7.1
<i>características sociais</i>	7.1	3.6	5.4
<i>ideologias</i>	3.6	7.1	5.4
<i>maneira de pensar</i>	3.6	7.1	5.4
<i>tradições</i>	0	10.7	5.4
<i>características psicológicas</i>	0	3.6	3.6
<i>comportamentos</i>	3.6	3.6	3.6
<i>identidade</i>	7.1	0	3.6
<i>linguagem</i>	3.6	3.6	3.6
<i>maneira de agir</i>	0	7.1	3.6
<i>raízes</i>	3.6	3.6	3.6
<i>vivências</i>	0	7.1	3.6
<i>filosofia de vida</i>	3.6	0	1.8
<i>leis</i>	0	3.6	1.8
<i>rituais</i>	7.1	0	1.8
<b>Características biológicas</b>	<b>28.6</b>	<b>71.4</b>	<b>50.0</b>
<i>cor (da pele, cabelo, olhos)</i>	7.1	42.9	25.0
<i>características físicas (altura, etc.)</i>	17.9	28.5	23.2

<sup>3</sup> A equivalência entre 'grupo étnico' e 'raça' é demonstrada em numerosas respostas dos participantes, das quais citamos dois exemplos: "grupo étnico é um conjunto de pessoas que se agrupam por serem da mesma raça, logo têm a mesma cultura e religião"; "um grupo étnico caracteriza-se por um aglomerado de pessoas que apresentam características semelhantes, quer ao nível do país de origem, quer ao nível das crenças religiosas, raça, ideais".

<i>características genéticas</i>	7.1	17.8	12.5
<i>características intrínsecas</i>	3.6	3.6	3.6
<i>características muito marcadas</i>	3.6	3.6	3.6
<i>fisionomia</i>	0	3.6	1.8
<b>Relação com outros grupos</b>	<b>42.6</b>	<b>3.6</b>	<b>23.2</b>
<i>diferentes da maioria</i>	17.9	0	8.9
<i>alvo de discriminação</i>	3.6	3.6	3.6
<i>diferentes dos outros grupos</i>	7.1	0	3.6
<i>unidos na defesa dos seus valores</i>	7.1	0	3.6
<i>antagonismo com a cultura dominante</i>	3.6	0	1.8
<i>conflito com os outros grupos</i>	3.6	0	1.8
<b>Características geográficas</b>	<b>32.1</b>	<b>7.1</b>	<b>19.6</b>
<i>vivem num país que não é seu</i>	17.9	0	8.9
<i>oriundos de um outro local/região</i>	7.1	7.1	7.1
<i>oriundos de um meio diferente</i>	7.1	0	3.6

De modo a facilitar a comparação dos conteúdos associados ao ‘grupo étnico’ e à ‘raça’, efectuámos um agrupamento das respostas em quatro categorias básicas: características *biológicas*, nas quais incluímos as características fenotípicas (cor da pele, tipo de cabelo, forma do nariz, etc.) e as características genotípicas (ligadas à hereditariedade); características *culturais* (valores, religião, hábitos, etc.); características *geográficas* (referências ao deslocamento de local, região, país, etc.); e por último, características ligadas à *relação* com os outros grupos (‘alvo de discriminação’, ‘diferentes da maioria’, etc.).

Como podemos constatar, idênticos conteúdos são referidos para definir ‘grupo étnico’ e ‘raça’, embora no que respeita ao ‘grupo étnico’ predominem as características culturais (89.3% dos participantes) relativamente às características biológicas (28.6%), enquanto que à ‘raça’ estão associadas sobretudo características ‘naturais’ ligadas à hereditariedade (71.4%) logo seguidas das características culturais (64.3%). As relações de conflito ou submissão face à cultura dominante (42.6%) e o facto de o ‘grupo étnico’ ser visto como migrante (32.1%) são outros dos aspectos associados preferencialmente ao ‘grupo étnico’.

Assim, a noção de ‘grupo étnico’ remete para grupos humanos de estatuto minoritário enquanto que a ‘raça’ se aplica a um processo de fusão entre características biológicas e culturais. A análise de conteúdo das respostas dos participantes parece indicar uma distinção de significados: enquanto que o termo ‘grupo étnico’ serviria para diferenciar uma minoria emersa numa maioria, o termo ‘raça’ corresponderia a uma naturalização da distintividade dos grupos sociais.

A segunda questão colocada aos participantes consistia na simples listagem dos ‘grupos étnicos’/ ‘raças’ existentes em Portugal. A Tabela 2 apresenta os vários grupos referidos em ambas as condições de resposta e as respectivas frequências relativas de ocorrência. Para cada condição são apresentadas as designações referidas pelos participantes por ordem decrescente de frequência. Foram retidas as designações com frequência igual ou superior a dois.

Como podemos verificar, globalmente os ‘ciganos’ foram o grupo mais referido, tanto na condição ‘grupo étnico’ como na condição ‘raça’ (respectivamente 92.9% e 64.3%, totalizando 78.6%), o que remete para a elevada saliência deste grupo na sociedade portuguesa.

Seguiu-se o grupo dos ‘negros’ (respectivamente 28.6% e 53.6%, totalizando 41.1%) e em terceiro lugar *ex aequo* o grupo dos ‘africanos’ (respectivamente 46.4% e 25%, totalizando 35.7%) e o grupo dos ‘brancos’ (respectivamente 17.6% e 53.6%, totalizando 35.7%).

Globalmente, as referências aos ‘brancos’, aos ‘portugueses’ e aos vários grupos nacionais europeus assim como aos ‘europeus’ em geral, são menos frequentes do que as

referências aos ‘negros’, aos vários nacionais africanos e aos ‘africanos’ em geral, especialmente na condição ‘grupo étnico’, o que se prende com o facto de o processo de etnicização se aplicar essencialmente a minorias que são percebidas como ocupando um lugar desfavorecido na sociedade.

Em termos globais, as denominações mais frequentes são ligadas à ‘nacionalidade’ (87.9% dos participantes). Seguem-se as designações baseadas na ‘cor da pele’ (53.6%) e, com menor expressão, as denominações ligadas à ‘religião’ (25%).

Os grupos referidos pelos participantes são basicamente os mesmos em ambas as condições, variando apenas o seu posicionamento relativo. Na condição ‘grupo étnico’ predominam as designações baseadas na origem nacional ou geográfica (100% dos participantes), seguindo-se as designações baseadas na religião (46.4%) e, por último, na cor da pele (21.4%). Em contrapartida na condição ‘raça’ predominam as designações baseadas na cor da pele (85.7%), seguindo-se as designações baseadas na origem nacional ou geográfica (75%) e, por último, as baseadas na religião (3.6%).

**Tabela 2 - Frequências relativas (%) dos ‘grupos étnicos’ ou ‘raças’ referidos pelos participantes**

	<b>Grupo étnico</b>	<b>Raça</b>	<b>Total</b>
<b>Origem nacional ou geográfica</b>	<b>100</b>	<b>75.7</b>	<b>87.9</b>
<i>Ciganos</i>	92.9	64.3	78.6
<i>Africanos</i>	46.4	25.0	35.7
<i>Cabo-verdianos</i>	35.7	0.0	17.9
<i>Indianos</i>	25.0	10.7	17.9
<i>Angolanos</i>	28.6	0.0	14.3
<i>Chineses</i>	10.7	10.7	10.7
<i>Moçambicanos</i>	21.4	0	10.7
<i>Macaenses</i>	17.9	0	8.9
<i>Timorenses</i>	17.6	0	8.9
<i>Árabes</i>	10.7	3.6	7.1
<i>Europeus</i>	10.7	0	5.4
<i>Latinos</i>	0	10.7	5.4
<i>PALOP</i>	3.6	7.1	5.4
<i>Portugueses</i>	7.1	3.6	5.4
<i>Asiáticos</i>	3.6	3.6	3.6
<i>Orientais</i>	0	7.1	3.6
<i>Índios</i>	0	7.1	3.6
<i>Marroquinos</i>	7.1	0	3.6
<i>Alemães</i>	3.6	0	1.8
<i>Brasileiros</i>	3.6	0	1.8
<i>Espanhóis</i>	3.6	0	1.8
<i>Ibéricos</i>	0	3.6	1.8
<i>Japoneses</i>	3.6	0	1.8
<i>Lusitanos</i>	0	3.6	1.8
<i>Mauberes</i>	3.6	0	1.8
<b>Cor da pele</b>	<b>21.4</b>	<b>85.7</b>	<b>53.6</b>
<i>Negros*</i>	28.6	53.6	41.1
<i>Brancos</i>	17.6	53.6	35.7
<i>Amarelos</i>	0	14.3	7.1
<i>Vermelhos</i>	0	7.1	3.6
<b>Religião</b>	<b>46.4</b>	<b>3.6</b>	<b>25.0</b>
<i>Muçulmanos**</i>	28.6	3.6	16.1
<i>Judeus</i>	21.4	0	10.7
<i>Hindus</i>	3.6	0	1.8

**Nota:** \*Agrupámos ‘negros’ e ‘pretos’; \*\*Agrupámos ‘muçulmanos’ e ‘islâmicos’

Finalmente, os participantes eram questionados sobre a sua pertença aos ‘grupos étnicos’ ou ‘raças’ anteriormente referidos. Nesta questão verifica-se uma diferença significativa no modo de resposta em função da condição ‘grupo étnico’ ou ‘raça’ ( $\chi^2 = 19.636$ ,  $p < 0.001$ ). Como se pode constatar na Tabela 3, na condição ‘grupo étnico’ a resposta predominante foi o ‘não’ (67.9%) enquanto que na condição ‘raça’ a resposta dominante foi ‘sim’ (85.7%). Verifica-se aqui uma assimetria nos processos de etnicização e racialização: a etnicidade é conceptualizada como algo específico das minorias enquanto que a noção de ‘raça’ é aplicada também às maiorias.

**Tabela 3 - Frequências relativas (%) da auto-categorização raciais ou étnicas dos participantes**

	Grupo étnico	Raça	Total
<b>Sim</b>	<b>28.6</b>	<b>85.7</b>	<b>57.1</b>
<i>Branços</i>	17.9	64.3	41.1
<i>Portugueses</i>	7.1	7.1	7.1
<i>Europeus</i>	0	7.1	3.6
<i>Ibéricos</i>	0	3.6	1.8
<i>Lusitanos</i>	0	3.6	1.8
<i>Ocidentais</i>	3.6	0	1.8
<b>Não</b>	<b>67.9</b>	<b>10.7</b>	<b>39.3</b>
<b>Não resposta</b>	<b>3.6</b>	<b>3.6</b>	<b>7.1</b>

Apesar das campanhas anti-racismo que decorreram durante o *Ano Europeu Contra o Racismo* nos meios de comunicação social, nas escolas e nas associações juvenis, não encontramos quaisquer reacções de surpresa ou de contestação face às nossas questões sobre ‘raças’ em Portugal. A maior parte dos estudantes nunca tinha problematizado as noções de ‘raça’ e de ‘grupo étnico’, considerando-os como conceitos objectivos e explicativos das assimetrias sociais.

A partir da análise de conteúdo das respostas dos participantes, verifica-se que os estudantes não distinguem ‘grupo étnico’ de ‘raça’. As características culturais amplamente referidas como definidoras dos ‘grupos étnicos’ são consideradas inseparáveis das características físicas ligadas à hereditariedade. Os ‘grupos étnicos’ são vistos como possuindo características intrínsecas, imutáveis e muito marcadas, que os distinguem da maioria ou da cultura dominante, justificativas do seu estatuto e das assimetrias de poder.

Em ambas as condições, as repostas dos participantes apontam para uma essencialização das categorias sociais (Rothbart e Taylor, 1992). Apesar do conteúdo das respostas dos participantes remeter claramente para a naturalização das ‘raças’ e dos ‘grupos étnicos’, verifica-se uma certa assimetria de significado destes dois termos: o ‘grupo étnico’ é visto como uma minoria emersa numa maioria, ou seja, como algo ‘transitório’ que resulta das trajectórias de migração dos grupos enquanto que o termo ‘raça’ remete mais claramente para a imutabilidade de uma pertença social.

Da análise de conteúdo das respostas dos participantes ressalta a centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais. Verifica-se a predominância de traços físicos nas definições de ‘raça’, mas estes estão também significativamente presentes nas definições de ‘grupo étnico’. Esta centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais é especialmente evidente nas designações de grupos fornecidas pelos participantes. Embora predominem designações baseadas na nacionalidade, o que poderá dever-se ao seu carácter normativo, estas são sistematicamente associadas a designações baseadas na cor da pele.

As auto-categorizações dos participantes foram significativamente mais frequentes na condição ‘raça’ do que na condição ‘grupo étnico’, o que mais uma vez demonstra que a ‘raça’ constitui um elemento central da categorização social. Os resultados deste estudo estão



em consonância com os resultados de outros estudos contemporâneos realizados em Portugal sobre esta problemática, embora recorrendo a outro tipo de questões (Vala, Lopes e Brito, 1999). Estes resultados vão também ao encontro dos estudos sobre cognição social, segundo os quais a categorização racial é extremamente saliente, altamente acessível e difícil de suprimir cognitivamente (e.g., Devine, 1989; Fiske e Neuberg, 1990).

A acessibilidade das categorias raciais e o seu valor explicativo da realidade social demonstra que, apesar das tipologias raciais terem sido abolidas da ciência há largas décadas (UNESCO, 1960/1973), continuam a estruturar o pensamento do senso comum. As campanhas de sensibilização da opinião pública para a problemática do racismo, tendo insistido na ilegitimidade da discriminação a partir da ‘cor da pele’, tiveram como resultado uma maior prudência no discurso relativamente às categorias *raciais* mas não relativamente às categoriais *étnicas*: alguns participantes mencionaram nas suas respostas que as diferenças biológicas não deveriam conduzir à discriminação social, mas o mesmo não aconteceu relativamente às diferenças culturais. Constatamos, assim, que a herança do pensamento racista continua presente, embora se verifique uma metamorfose ao nível da expressão pública da discriminação racial.

## **Estudo 2: Estereótipos sociais e assimetria simbólica**

No primeiro estudo, averiguámos quais os grupos *raciais* ou *étnicos* mais relevantes na sociedade portuguesa e de que forma estes são percebidos pelos membros do grupo maioritário. No segundo estudo, investigámos os auto- e os hetero-estereótipos dos membros do grupo maioritário - os portugueses - e dos membros de um grupo minoritário de origem africana - os ‘angolanos’.

Assim, este estudo teve por objectivo analisar os estereótipos dos estudantes portugueses e dos estudantes angolanos a residir em Portugal sobre o seu próprio grupo e sobre o exogrupo. Especificamente, analisámos os estereótipos dos *angolanos* e dos *portugueses*, salientando quais as dimensões comuns e quais as dimensões diferenciadoras. Averiguámos ainda o nível de diversidade dos conteúdos associados a cada grupo, o nível de consenso entre os grupos e qual o significado simbólico das dimensões de conteúdo preferencialmente associadas a cada um dos grupos (Amâncio, 1994; Deschamps, 1982).

A metodologia adoptada na recolha e no tratamento dos dados diferiu em alguns aspectos fundamentais da tradição anglo-saxónica nos estudos sobre estereótipos relativos a *grupos étnicos*. Por um lado, uma vez que se tratou de analisar tanto as percepções do grupo maioritário como as percepções de um grupo minoritário, os dados foram recolhidos junto de participantes angolanos e de participantes portugueses. Por outro lado, pretendíamos identificar as dimensões caracterizadoras e diferenciadoras dos estereótipos através da interpretação dos conteúdos fornecidos pelos próprios participantes. Finalmente, a inexistência de estudos anteriores sobre os estereótipos mútuos destes dois grupos não permitia o recurso a uma lista de adjetivos previamente definida, sob pena de vir a induzir os conteúdos que se procuravam. Outro aspecto a salientar é o facto de termos escolhido dois grupos com o mesmo grau de generalidade – *angolanos* e *portugueses* – o que nos permite comparar o grau de homogeneidade dos conteúdos associados a cada um dos grupos. Tal aspecto tem sido frequentemente negligenciado na investigação sobre estereótipos sociais. Foi precisamente este problema de ordem metodológica que quisemos contornar debruçamo-nos sobre um grupo africano específico - os ‘angolanos’-, e não sobre os ‘africanos’ ou os ‘negros’ em geral.

A nossa hipótese é de que numa época em que o racismo é claramente anti-normativo os conteúdos associados a ambos os grupos sejam predominantemente positivos. Assim, esperamos que a maior diferenciação entre os grupos não se opere ao nível da valência

avaliativa dos conteúdos associados a cada grupo, mas ao nível das dimensões subjacentes a esses conteúdos. Esperamos que os conteúdos associados aos angolanos sejam predominantemente ligados à expressividade, ao exotismo, e à juventude, enquanto que os conteúdos associados aos portugueses sejam fundamentalmente ligados à instrumentalidade e à imagem de adulto. Por último, esperamos um menor grau de consenso relativamente ao estereótipo dos *portugueses* do que relativamente ao estereótipo dos *angolanos*, isto é, esperamos verificar uma maior heterogeneidade na representação do grupo dos *portugueses* do que na representação do grupo dos *angolanos*.

Participaram neste estudo 31 estudantes angolanos (10 rapazes e 21 raparigas) e 31 estudantes portugueses (12 rapazes e 19 raparigas), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (idade média = 22 anos). A técnica utilizada para a recolha de dados foi a associação livre de palavras. Os estudantes foram convidados a participar num estudo sobre percepção social.

A investigadora distribuía a cada participante uma folha em branco e fornecia as seguintes instruções: “Qualquer grupo pode ser descrito em termos das suas características típicas. Gostaríamos que nos desse a sua opinião sobre quais são as características típicas dos [*angolanos/portugueses*]. De preferência, exprima a sua opinião em termos de adjectivos, de modo a completar a frase seguinte: “Os [*angolanos/portugueses*] são...”. Quando os participantes terminavam a descrição do primeiro grupo-alvo, a investigadora pedia-lhes para voltarem a folha de costas e efectuarem a descrição do segundo grupo-alvo. A ordem das palavras-estímulo foi contrabalançada: aproximadamente metade dos participantes começou pela palavra-estímulo *angolanos* e a outra metade começou pela palavra-estímulo *portugueses*. Finalmente, eram solicitados dados pessoais: sexo, idade, nacionalidade e naturalidade. Terminada esta tarefa, a investigadora agradecia a colaboração dos participantes e explicava sumariamente os objectivos do estudo.

As palavras referidas livremente pelos participantes foram submetidas a alguns agrupamentos na base estrita da raiz etimológica e todos os verbos e substantivos foram integrados numa forma adjectiva do masculino plural, seguindo o procedimento adoptado por Amâncio (1989: 228). Com este procedimento obtivemos um total de 320 palavras diferentes. Seguidamente, para cada grupo de participantes, procedemos à listagem das palavras associadas a cada grupo-alvo, acompanhadas das respectivas frequências de ocorrência, o que deu origem a quatro dicionários: descrição dos angolanos efectuada por participantes angolanos (Aang); descrição dos angolanos efectuada por participantes portugueses (Pang); descrição dos portugueses efectuada por participantes angolanos (Apor); e descrição dos portugueses efectuada por participantes portugueses (Ppor).

Procedemos igualmente à listagem das palavras associadas a cada grupo-alvo, acompanhadas das respectivas frequências de ocorrência, independentemente do grupo dos participantes, o que deu origem a dois dicionários: descrição dos angolanos efectuada pela totalidade dos participantes (Tang); e descrição dos portugueses efectuada pela totalidade dos participantes (Tpor). A fim de evitar as palavras cuja ocorrência pudesse ser devida a idiosincrasias dos participantes, foram eliminadas, dentro de cada dicionário, todas as palavras cuja frequência de ocorrência fosse inferior a dois.

Foi calculado um *índice de homogeneidade* para cada um dos seis dicionários e procedeu-se a uma *análise de conteúdo* dos dicionários. Num primeiro momento, verificámos quais as palavras comuns aos vários dicionários e quais as palavras específicas de cada um. Num segundo momento, o vocabulário retido nos diversos dicionários foi analisado tendo em conta os grandes eixos estruturadores encontrados noutros estudos sobre estereótipos em que estão envolvidas assimetrias de estatuto: expressividade vs. instrumentalidade; dominância vs. submissão; sociabilidade positiva vs. sociabilidade negativa (Amâncio, 1989).

A Tabela 4 apresenta os indicadores relativos ao vocabulário *obtido* originalmente e os que dizem respeito ao vocabulário *retido* em cada dicionário. Da comparação entre os índices de homogeneidade relativos ao vocabulário *obtido* e *retido*, verifica-se que o critério de selecção utilizado contribuiu globalmente para uma maior homogeneidade interna dos dicionários.

Relativamente ao vocabulário *retido*, os dois dicionários mais heterogéneos dizem respeito às descrições fornecidas pelos participantes portugueses (Ppor e Pang) e os dois dicionários mais homogéneos correspondem às descrições fornecidas pelos participantes angolanos (Aang e Apor). Verifica-se também uma diferenciação em função do grupo-alvo: os dicionários respeitantes às descrições do grupo-alvo *angolanos* (Aang e Pang) são mais homogéneos do que os dicionários referentes às descrições do grupo-alvo *portugueses* (Apor e Ppor). Assim, verificam-se dois efeitos, um relativo ao grupo dos participantes e o outro relativo ao grupo-alvo, que combinados se traduzem numa maior heterogeneidade do grupo dos *portugueses*, especialmente quando este é descrito por membros do endogrupo (Ppor) e por uma maior homogeneidade do grupo *angolanos*, especialmente quando descrito pelos membros do próprio grupo (Aang).

**Tabela 4 - Indicadores relativos aos seis dicionários**

Dicionários	Associações		Ocorrências		Índice de Homogeneidade	
	Obtido	Retido	Obtido	Retido	Obtido	Retido
Aang	201	161	86	37	0.43	0.23
Pang	188	149	123	42	0.65	0.28
Apor	209	171	87	42	0.42	0.25
Ppor	189	140	120	42	0.63	0.30
Tang	389	347	182	73	0.47	0.21
Tpor	385	337	182	83	0.47	0.24

Nota: Associações = total de palavras diferentes; Ocorrências = total de palavras, incluindo frequências  
Índice de homogeneidade = (Associações / Ocorrências). Varia entre 0 e 1, sendo 0 o máximo de homogeneidade.

Na análise de conteúdo dos dicionários averiguámos quais os traços considerados específicos de cada um dos grupo-alvos (dimensões diferenciadoras) e quais os traços comuns a ambos os grupos (dimensões comuns).

A Tabela 5 apresenta os traços atribuídos exclusivamente ao grupo dos *angolanos*. Como podemos constatar, dos 47 traços (Tang) apenas 7 são referidos por participantes angolanos (Aang) e por participantes portugueses (Pang): *alegres, pele escura, pobres, incultos, música mexida, espírito de família, lutadores e nacionalistas*.

**Tabela 5 - Atributos considerados exclusivos do grupo dos angolanos**

Traços exclusivos dos angolanos	Aang	Pang	Tang
Alegres*	14	6	20
Pele escura*	3	7	10
Dançam bem	1	8	9
Pobres		9	9
Incultos*	2	5	7
Bons cantores	1	4	5
Música mexida*	3	2	5
Bem dispostos	1	3	4
Espírito de família*	2	2	4
Lutadores*	2	2	4
Nacionalistas*	2	2	4
Negros	1	3	4

Ritmo		4	4
Acomodados	1	2	3
Camaradagem	3		3
Companheiros	1	2	3
Corajosos	2	1	3
Cultos		3	3
Generosos	2	1	3
Leais		3	3
Música rap		3	3
Persistentes	1	2	3
Prepotentes	3		3
Roupas coloridas	1	2	3
Sofredores	2	1	3
Unidos		3	3
Artistas	1	1	2
Batalhadores	2		2
Bem-humorados	1	1	2
Burros		2	2
Calorosos		2	2
Conflituosos	1	1	2
Desorganizados	1	1	2
Despreocupados	2		2
Discriminados	1	1	2
Emotivos		2	2
Esbanjadores	2		2
Espontâneos		2	2
Festivos	2		2
Ignorantes	1	1	2
Invejosos	2		2
Mulherengos	1	1	2
Passivos	2		2
Pretensiosos	2		2
Rituais		2	2
Roupas tradicionais	1	1	2
Sinceros		2	2

Nota: Os atributos assinalados com um asterisco\* são consensuais entre participantes angolanos e portugueses.

Tal como esperávamos os traços associados ao grupo dos *angolanos* são predominantemente ligados à expressividade (*alegres, bem dispostos, bem humorados, calorosos, emotivos, espontâneos, festivos, etc.*) e ao exotismo (*bons cantores, dançam bem, música mexida, música rap, ritmo, rituais, roupas coloridas, roupas tradicionais, etc.*). As referências à instrumentalidade negativa são também frequentes (*burros, desorganizados, despreocupados, ignorantes, incultos*) assim como os traços de submissão (*passivos, acomodados*).

De destacar, ainda, as referências ao conflito e à luta (*batalhadores, conflituosos, corajosos, lutadores*) e à solidariedade grupal (*camaradagem, companheiros, unidos*). Estas referências relativas ao conflito e à luta social, por um lado, e à solidariedade e coesão dentro do grupo, por outro, remetem claramente para a representação de um grupo dominado que, sentindo-se em posição desfavorável e ameaçado pelo exterior, reforça a solidariedade e coesão internas. A posição desfavorável deste grupo é também patente em algumas referências directas à precariedade da sua situação económica e social (*discriminados, pobres, sofredores*). Por último, as referências à cor da pele como marca exterior da pertença grupal são referidas maioritariamente pelos participantes portugueses (*pele escura, negros*).

A Tabela 6 apresenta os traços atribuídos exclusivamente ao grupo dos *portugueses*. Como podemos constatar, dos 57 traços (Tpor) apenas 3 são referidos por participantes

angolanos (Apor) e por participantes portugueses (Ppor): *conservadores, desportivos e pessimistas*. Estes resultados apontam claramente para um menor consenso na representação do grupo dos *portugueses* (três traços) do que no grupo dos *angolanos* (sete traços) e, simultaneamente, para uma maior heterogeneidade na representação do grupo dos *portugueses* (57 traços) do que na representação do grupo dos *angolanos* (47 traços). Tal heterogeneidade está patente na diversidade dos traços considerados exclusivos dos portugueses, sendo referida explicitamente por três participantes (*heterogéneos*). Outros traços, não fazendo referência explícita à heterogeneidade, remetem para uma certa idiossincrasia e originalidade dos portugueses (*criativos, críticos, imaginativos*).

Tal como esperávamos os conteúdos associados ao grupo dos portugueses são predominantemente ligados à instrumentalidade positiva (*determinados, dinâmicos, empreendedores, estudiosos, inteligentes, pragmáticos*), à dominância e à discriminação (*autoritários, exploradores, preconceituosos, xenófobos*).

Contrariamente às nossas expectativas, são bastante frequentes as referências à sociabilidade negativa, sobretudo da parte dos participantes angolanos (*antipáticos, arrogantes, cínicos, desunidos, egoístas, fechados, frios, hipócritas, individualistas, interesseiros, introvertidos, mesquinhos, reservados, tímidos, tristes*). De destacar, ainda, as referências ao conservadorismo (*antiquados, conservadores*) e ao materialismo (*avarentos, consumistas, gananciosos, materialistas, poupadores*). As referências a uma certa nostalgia do passado também não são de descurar (*nostálgicos, saudosistas, sebastianistas*).

De salientar que as referências à cor da pele são mais frequentes para caracterizar os angolanos (*pele escura, negros*; N=14) do que para caracterizar os portugueses (*pele clara, brancos*; N=7).

A Tabela 7 apresenta os traços considerados comuns ao grupo dos *angolanos* e ao grupo dos *portugueses*. Dos 26 traços constantes nesta tabela, quatro são comuns a todos os dicionários, isto é, foram atribuídos ao grupo dos angolanos e ao grupo dos portugueses, tanto por participantes angolanos como por participantes portugueses: *acolhedores, simpáticos, sociáveis e trabalhadores*.

Embora estes traços sejam atribuídos a ambos os grupos, a sua frequência varia em função do grupo-alvo. No que diz respeito à dimensão de instrumentalidade, aos portugueses são associados preferencialmente traços de instrumentalidade positiva (o traço *trabalhadores* surge 20 vezes associado ao grupo dos portugueses e apenas 5 vezes associado ao grupo dos angolanos) enquanto que aos angolanos são associados preferencialmente traços de instrumentalidade negativa (o traço *preguiçosos* surge 8 vezes associado ao grupo dos angolanos e apenas 2 vezes associado ao grupo dos portugueses).

Quanto à dimensão de sociabilidade, os traços de sociabilidade positiva (*abertos, amigáveis, comunicativos, divertidos, extrovertidos, simpáticos, sociáveis, solidários*) são mais frequentemente associados aos angolanos enquanto que os traços de sociabilidade negativa (*desconfiados, falsos, racistas*) são mais frequentemente associados aos portugueses.

**Tabela 6 - Atributos considerados exclusivos do grupo dos portugueses**

Atributos exclusivos dos portugueses	Apor	Ppor	Tpor
Conservadores*	5	9	14
Desportivos*	9	3	12
Introvertidos	7	1	8
Reservados	6	1	7
Cínicos	6		6
Egoístas	4	1	5
Pele clara	1	4	5

Desunidos	4		4
Futebol	1	3	4
Hipócritas	4		4
Pessimistas*	2	2	4
Saudosistas	1	3	4
Antipáticos	3		3
Arrogantes	3		3
Avarentos	3		3
Bom vinho		3	3
Complexados	3		3
Empreendedores		3	3
Fechados	3		3
Frios	3		3
Heterogéneos	1	2	3
Imaginativos		3	3
Interesseiros	3		3
Materialistas	1	2	3
Originais		3	3
Religiosos		3	3
Antiquados	2		2
Autónomos	2		2
Autoritários		2	2
Aventureiros		2	2
Boémios	2		2
Branco	1	1	2
Consumistas		2	2
Criativos		2	2
Críticos		2	2
Determinados	1	1	2
Dinâmicos		2	2
Estudiosos	2		2
Exploradores	2		2
Fado		2	2
Gananciosos	2		2
Individualistas	2		2
Inteligentes		2	2
Mesquinhos	2		2
Nostálgicos		2	2
Ostentosos			2
Pacatos	2		2
Poupadores			2
Pragmáticos		2	2
Preconceituosos	2		2
Receptivos		2	2
Românticos	1	1	2
Sebastianistas		2	2
Sensíveis	1	1	2
Tímidos	2		2
Tristes	2		2
Xenófobos	1	1	2

Nota: Os atributos assinalados com um asterisco\* são consensuais entre participantes angolanos e portugueses

**Tabela 7 - Atributos comuns ao grupo dos angolanos e ao grupo dos portugueses**

Atributos comuns	Tang	Tpor	Total
Simpáticos*	24	13	37
Trabalhadores*	5	20	25
Acolhedores*	10	14	24
Racistas	2	20	22
Solidários	11	9	20
Vaidosos	13	7	20
Extrovertidos	15	2	17
Hospitaleiros	4	11	15
Sociáveis*	11	4	15
Ambiciosos	5	9	14
Divertidos	8	5	13
Amigáveis	7	4	11
Patrióticos	6	5	11
Tradicionalistas	5	6	11
Humildes	8	2	10
Preguiçosos	8	2	10
Simples	8	2	10
Boa comida	2	6	8
Orgulhosos	6	2	8
Abertos	4	2	6
Capacidade adaptação	4	2	6
Desconfiados	2	4	6
Falsos	2	3	5
Comunicativos	3	2	5
Conformados	2	2	4
Prestáveis	2	2	4

**Nota :** Os atributos assinalados com um asterisco\* são comuns aos seis dicionários.

Neste estudo procedemos à organização de seis dicionários descritivos do grupo dos *angolanos* e do grupo dos *portugueses* com base no vocabulário fornecido livremente pelos participantes. Através da comparação do vocabulário dos diversos dicionários, verificámos que o grupo dos ‘angolanos’ foi descrito de forma mais homogénea do que o grupo dos ‘portugueses’, tanto por participantes angolanos como portugueses, isto é, verificou-se um menor consenso na representação do grupo dos portugueses do que no grupo dos angolanos.

Comparando as dimensões de conteúdo atribuídas exclusivamente a cada um dos grupos, verificámos que aos angolanos foram associados traços remetendo para a solidariedade e coesão grupais (geralmente associados aos grupos cuja identidade é ameaçada pelo exterior) e traços remetendo para a submissão e para o estatuto de vítima de discriminação (tipicamente associados a grupos ocupando uma posição desfavorecida social e economicamente), enquanto que aos portugueses são associados traços que remetem para a autonomia e a independência (geralmente associados aos membros dos grupos dominantes, cuja singularidade e idiosincrasia não estão ameaçadas pela sua pertença grupal) e para a dominância e para o estatuto de agente de discriminação (tipicamente associados aos membros de um grupo ocupando uma posição privilegiada). Verifica-se assim um paralelismo entre a forma como os angolanos e os portugueses são caracterizados neste estudo e o observado noutros estudos na caracterização de grupos que ocupam posições socialmente assimétricas (e.g., Amâncio, 1994; Chombart de Lauwe, 1983-1984; Guillaumin, 1992; Lorenzi-Cioldi, 1988).

De salientar ainda que as referências à cor da pele - como marca exterior da pertença grupal - foram mais frequentes para caracterizar os angolanos do que para caracterizar os portugueses, o que remete para uma assimetria entre os grupos, uma vez que a cor da pele para os primeiros funciona como estigma que os demarca da sociedade em geral. Este

resultado ilustra a forte associação entre nacionalidade e cor da pele, que não são consideradas pelos participantes como dimensões independentes: *angolano, logo negro*.

A maior diferenciação entre os grupos operou-se ao nível das dimensões subjacentes aos conteúdos que lhe estão associados: sociabilidade positiva, expressividade, exotismo e instrumentalidade negativa para os angolanos; sociabilidade negativa, conservadorismo, dominância e instrumentalidade positiva para os portugueses. Por último, verificou-se uma maior diversidade nos conteúdos associados aos portugueses, o que aponta para uma representação mais heterogénea deste grupo, isto é, menos estereotipada.

Se é inegável que se registou uma evolução no conteúdo dos estereótipos - os membros do grupo dominante evitam caracterizar os membros do grupo dominado com traços muito negativos e, em alguns casos, caracterizam-nos com traços mais positivos do que o próprio endogrupo - esta transformação opera-se a um nível superficial e não a um nível profundo. De facto, esta metamorfose em que a xenofobia parece ter dado lugar à xenofilia (o culto do exótico) esconde uma flagrante permanência: as dimensões mais valorizadas nas sociedades ocidentais (autonomia, individualidade, competência, responsabilidade) continuam a ser negadas ao grupo dominado. A representação do grupo dominado continua com forte ligação à natureza (Guillaumin, 1992) enquanto que o grupo dominante surge como aparentemente liberto desta. A manutenção dos significados associados aos estereótipos torna-se particularmente evidente quando consideramos as dimensões de conteúdo exclusivas de cada grupo: a instrumentalidade para o grupo dominante e a expressividade e o exotismo para o grupo dominado.

Outro aspecto a salientar diz respeito aos papéis que são atribuídos a cada um dos grupos: enquanto ao grupo dominante são associados traços que remetem para um papel *activo* na sociedade (trabalhadores, empreendedores, etc.), ao grupo dominado são associados traços que remetem para um papel *decorativo* ou *lúdico* (cheios de ritmo, musicais, etc.). Este papel lúdico atribuído aos angolanos constitui também uma forma de permanência, se o virmos à luz das representações do 'negro' durante o período do colonialismo (e.g., Cabecinhas e Cunha, 2003). Assim, o predomínio de traços juvenis e exóticos nos angolanos, que os limita a um papel *lúdico*, denuncia a permanência da oposição entre a alegada 'especificidade' destes e a suposta 'universalidade' de portugueses.

## Referências

- Allport, G. W. (1954/1979). *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Amâncio, L. (1989). *Factores Psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*. Porto: Afrontamento.
- Cabecinhas, R. & Cunha, L. (2003). Colonialismo, identidade nacional e representações do 'negro'. *Estudos do Século XX*, 3, 157-184.
- Cabecinhas, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Chombart de Luawe, M.-J. (1983-1984). La représentaton des catégories sociales dominées, rôle social, intériorisation. *Bulletin de Psychologie*, 37, 877-886.
- Cunha, M. (2000). A natureza da 'raça'. *Sociedade e Cultura 2. Cadernos do Noroeste*, 13, 191-203.



- Deschamps, J.-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In H. Tajfel (Ed.). *Social identity and intergroup relations* (pp. 85-98). Cambridge: Cambridge University Press.
- Devine, P. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- Fiske, S. T., e Neuberg, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: influence of information and motivation on attention and interpretation. In M. Zanna (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 23, pp. 1-74). San Diego: Academic Press.
- Guillaumin, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir: L'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus dominants et groupes dominés. Images masculines et féminines*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr e S. Moscovici (Eds.). *Social Representations* (pp.3-70). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Ed.). *The Psychology of the social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- Park, B., e Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 1051-1068.
- Pettigrew, T. F., Allport, G. W., e Barnet, E. O. (1958). Binocular resolution and perception of race in South Africa. *British Journal of Psychology*, 49, 265-278.
- Rothbart, M., e Taylor, M. (1992). Category labels and social reality: Do we view social categories as natural kinds? In G. R. Semin, e K. Fiedler (Eds.). *Language, interaction, and social cognition*. Londres: Sage.
- Taguieff, P.-A. (1997). *Le racisme. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris: Flammarion.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Ed.) *Introduction à la Psychologie Sociale* (vol. I, pp. 272-302). Paris: Larousse Université.
- Tonkin, E., McDonald, M., e Chapman, M. (1989). *History and Ethnicity*. Londres: Routledge.
- UNESCO (1960/1973). *Le racisme devant la science*. Paris: Gallimard.
- Vala, J., Lopes, D., e Brito, R. (1999). A construção social da diferença: Racialização e etnização das minorias. In J. Vala (Org.). *Novos Racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 145-167). Oeiras: Celta.